

AC

ACE

111398 / 78

CNF

1 / 1

CONFIDENCIALS. N. I.
AGÊNCIA CENTRAL

008385 25.4.78

PROTOCOLO

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO Nº 042/116/ABH/ 78/SNK2
111398

DATA: - 20 de abril de 1978

ASSUNTO: - ENTREVISTA DO JOGADOR DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO, JOSÉ REINALDO DE LIMA, PARA O JORNAL "MOVIMENTO"

REFERÊNCIA: -

DIFUSÃO: - A C

Sobre o assunto em epígrafe, informamos:

1. O jornal "MOVIMENTO", nº 140, datado de 06 Mar 78, traz estampado em sua primeira página, o retrato do jogador JOSÉ REINALDO DE LIMA, do CLUBE ATLÉTICO MINEIRO, com a seguinte manchete: "REINALDO, o goleador do Atlético, bom de bola, é o artilheiro do Campeonato Nacional, e bom de cuca, diz que o povo sabe votar e defende a Constituinte".
2. Em entrevista ao jornalista ALÓISIO MORAIS, correspondente em MINAS GERAIS do Semanário "MOVIMENTO", REINALDO diz que: "Sempre que tem tempo ele lê jornais diários, a revista "Veja", assim como os jornais "MOVIMENTO" e "DE FATO", mantendo ainda o costume de ler a crônica diária de CARLOS DRUMOND DE ANDRADE e atualmente está lendo o livro "Cartas da Prisão", de Frei BETO". Afirmando que PELÉ não tem opinião própria, "pois no futebol é muito difícil preservar a personalidade", o entrevistado, ao contrário de PELÉ, acha que o povo brasileiro está preparado "como sempre estava", para votar. "Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada". Continuando, referido atleta, defendeu a anistia, dizendo que "ela vai acontecer mais cedo ou mais

CONFIDENCIAL

tarde porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem idéias e caminhos diferentes". Concordou com a necessidade da convocação de uma "Assembleia Nacional Constituinte" e da participação popular nas decisões nacionais, pois "a participação maior tem que ser do povo, a renovação é necessária em tudo, o povo tem o direito de votar e escolher seus governantes". Finalizando, acrescenta ser favorável a uma melhor distribuição de renda, observando que "a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá. Você trabalha oito horas e o patrão só paga o salário que na verdade só corresponde a uma hora de serviço. Devia-se dar mais atenção para esse problema porque a coisa não pode ficar assim". (ANEXO A).

3. Referido periódico passa a explorar de maneira tendenciosa a entrevista mencionada no item anterior, quando no número 144, de 03 Abr 78 (ANEXO B), volta a estampar o retrato do jogador de futebol REINALDO, com a manchete: "ESCÂNDALO NA SELEÇÃO - O craque deu entrevista falando de política. HELENO NUNES não gostou e diz que vai cortá-lo. REINALDO AMEAÇADO DE CORTE. Mas TOSTÃO defende e diz: Os cartolas não gostaram, mas o povo gosta!"
 - a. Os jornalistas TEODOMIRO BRAGA DA SILVA e ALOÍSIO MORAIS, correspondentes do "MOVIMENTO" em MINAS GERAIS, publicaram neste número um artigo intitulado "Por que querem afastar REINALDO?" Fazem, nesta reportagem, uma referência à entrevista concedida pelo aludido jogador profissional ao jornal "MOVIMENTO", nº 140, e colhem opiniões de alguns atletas sobre o assunto enfocado. (pág. 5). (ANEXO B).
4. Já o nº 145, de 10 Abr 78, do referido Semanário, na última página aborda ainda o assunto, sob o título "Se jogador é para jogar futebol, então o que é que os cartolas estão fazendo na política?" e em outro artigo intitulado "Por que REINALDO não pode ter opinião política? (frase escrita nos muros da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS)". (ANEXO C).
5. A entrevista do jogador JOSÉ REINALDO DE LIMA, já citada no item 2, alcançou grande repercussão na imprensa escrita de PORTO ALEGRE/

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 042/116/ABH/78

- Fls -03)

/RS e BELO HORIZONTE/MG, tendo os jornais "ESTADO DE MINAS" - BH, edição de 30 Mar 78, "FOLHA DA MANHÃ" e "FOLHA DA TARDE" de 31 Mar 78 e "ZERO HORA" de 02 Mar 78 de PORTO ALEGRE, dado destaque ao assunto (ANEXO D).

..*.*.*

ANEXOS:

- A - Cópia da manchete e da entrevista do jogador profissional do Clube Atlético Mineiro JOSÉ REINALDO DE LIMA ao jornal "MOVIMENTO", nº 140.
- B - Recorte do Jornal "MOVIMENTO", nº 144.
- C - Recorte do Jornal "MOVIMENTO", nº 145.
- D - Cópia de recortes dos jornais "FOLHA DA MANHÃ", "FOLHA DA TARDE" e "ZERO HORA", de PORTO ALEGRE e do "ESTADO DE MINAS", de BH/MG.

..*.*.*

TODA E QUALQUER PESSOA QUE TOMAR
CONHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO
FICA AUTOMATICAMENTE RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO.
Art. 12 do RSAS, aprovado pelo Decreto nº
79099 de 6 JAN 77.

CONFIDENCIAL

REINALDO

bom de bola e bom de cuca

O mais novo fenômeno do futebol, o centroavante Reinaldo também é bom de idéias. A favor da organização dos jogadores em associações, critica o individualismo, defende a anistia, a Constituinte e, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado "como sempre esteve" para votar
Aloísio Moraes

foto: Auramar de Castro



Rei, rei, rei, Reinaldo é nosso rei". Assim a massa atleticana saúda nos estádios seu grande ídolo, considerado como o mais novo fenômeno dos campos de futebol, não só por seus sucessivos gols mas também por sua grande categoria técnica, despoitando como um dos maiores jogadores de futebol do país. Não só suas qualidades futebolísticas vêm chamando atenção. Bastante inteligente, Reinaldo vem se sobressaindo fora dos gramados por suas idéias, pelo seu interesse em se informar e tomar posições diante de tudo o que o cerca.

Filho de um ferroviário aposentado, conterrâneo e amigo do compositor João Bosco, José Reinaldo Lima, 21 anos, vinha despertando a atenção sobre seu estilo de jogo desde o tempo de garoto, quando das peladas de rua passou a jogar no time de "dente de leite" do Primeiro de Maio Esporte Clube, um time pobre de Ponte Nova, interior de Minas. Depois de se transferir em busca de pequenos cachês para o Pontenovense um clube de elite da cidade, com doze anos Reinaldo já integrava seu time titular e se destacava como artilheiro, começando também a receber os primeiros "salários" de sua carreira e a sonhar em ter o mesmo destino de seu irmão Mário Lúcio, o "Timbé", que depois de atuar pelos times de Ponte Nova acabou contratado pelo Botafogo do Rio, onde atuou algumas vezes em seu time titular, mas acabou dependurando a chuteira após sucessivas contusões.

Bastante intuitivo e criativo, o desempenho de Reinaldo em campo acabou chegando aos ouvidos de João Lacerda Filho, o "Barbatana", seu conterrâneo, atual técnico do time profissional do Atlético e na época técnico do time juvenil. Em 1971 Barbatana levou Reinaldo para Belo Horizonte para jogar no recém criado time de "dente de leite" que disputava um campeonato local, quando Reinaldo se destacou na artilharia com 40 gols. Foi nessa época que os jogos do time "dente de leite" do Atlético começaram a ser televisionados e jornais começaram a abrir suas páginas para mostrar um futuro grande craque, chegando, inclusive, a tratá-lo de "Baby Craque", e agora apontado como sucessor de Pelé.

Tratado com carinho pela diretoria do Atlético, dentro de uma nova política em que se procurava renovar seu plantel incentivando a formação de jogadores a partir de seus quadros inferiores, Reinaldo, com 14 anos, já chegou a Belo Horizonte recebendo um salário de 4 mil cruzeiros mensais. Logo começava a integrar aos poucos a equipe titular e a deixar sua marca de artilheiro, num período bastante tumultuado por frequentes contusões, que o obrigou a operar os meniscos quatro vezes.

Hoje consagrado artilheiro do Campeonato Nacional, o atacante do Atlético Mineiro vem sendo apontado como titular absoluto da seleção brasileira. Ao criticar a estrutura do futebol brasileiro, Reinaldo diz que joga "apenas para manter o prestígio porque não há infra-estrutura no futebol em Minas, onde o jogador ainda é marginalizado pela diretoria dos clubes na defesa de seus interesses e onde ainda prevalece o regime de tapinhas nas costas". Considerando o Campeonato Nacional "bastante estafante e anti-democrático, onde o jogador se torna um simples objeto nas mãos dos diri-

A trajetória do ídolo

A tênue linha que separa a glória e a tragédia dos grandes ídolos

Maurício Azêdo

Aos 21 anos, Reinaldo do Atlético inicia com a Seleção Brasileira de 1978 uma trajetória já percorrida por dezenas de outros craques que, como ele, tiveram o prodigioso dom de eletrizar as multidões fanatizadas pelo futebol com sua espantosa facilidade de fazer gols. É a preexistência de Pelé, mineiro como ele, que cria generalizada expectativa de explosão de Reinaldo nesta Copa do Mundo, à qual ele chega como o esperado artilheiro.

Após o fracasso de Roberto Dinamite em suas últimas partidas pela Seleção, ao longo de 1977, a impiedosa suspensão de Serginho do São Paulo Futebol Clube por 14 meses e a opaca exibição de Zico na fase final do Campeonato Brasileiro, todas as esperanças voltaram-se para Minas. De lá parecem vir os pés e os chutes redentores: com seus gols pelo Atlético, sobretudo os três que marcou contra o Londrina na semifinal travada no Mineirão (Atlético 4 x Londrina 2), Reinaldo fez mais do que assegurar a condição de titular da Seleção, já anunciada pelo técnico Cláudio Coutinho.

No início da caminhada que o transformará em mito, Reinaldo conhecerá os primeiros percalços já nos primeiros dias de convivência com seus companheiros de Seleção. Ele chega com a banca de artilheiro, festejado pela confiança da torcida, a um grupo onde até há pouco as estrelas estavam incontestadas.

Esta é a primeira dificuldade. Quando o foco de luz se desvia dos velhos astros, até agora admirados e cortejados, para se concentrar no recém-chegado, Reinaldo talvez apreenda uma das mais cruéis verdades do futebol. Talvez tanto quanto o boxe, esporte que deixa o lutador solitário num tablado, empenhado num jogo em que se decide a fortuna e não raro a vida, o futebol extrema o individualismo, embora os ingleses o tenham concebido como *association*, cujo poderio repousa na força coletiva e na unidade do conjunto. Como o preço da fama, dos bons contratos, do respeito dos cartolas e da paixão do público repousa na afirmação do eu, na sublimação da individualidade, Reinaldo talvez conheça ainda nos treinos os primeiros desencantos, de que foi poupado até agora pela simplicidade

do time do Atlético. Ao aplauso pode seguir-se a vaia, a imprecisão, o xingamento: o ídolo tem que acertar sempre. Não basta fazer gols: é preciso, também, fazer milagres.

Passando nessa prova, afirmando-se na Seleção e com ela chegando a glória, o moço Reinaldo vai-se distinguir e se afastar do comum dos jogadores de futebol, a maioria dos que não chegam às galas das manchetes, às equipes dos grandes clubes e que, confinados nos horizontes estreitos dos clubes em glórias nem aspirações senão a de se manter na liga, não sonham em chegar a Seleção. Gente como Serginho do São Cristóvão, ponta-de-lança como ele, também um jovem de 21 anos, que no ano passado confessava sem mágoa e, surpreendentemente, sem desesperança:

— Por enquanto estou morando na Ilha do Governador com os meus cunhados. Eu ganho 1.200 cruzeiros aqui no São Cristóvão, mas levo muita fé em mim,

ra. Na sua pregação, dirigindo-se aos 1.500 assistentes, dom Hipólito afirmou: Os homens é que fazem a História, e não a força cega que nos esmaga".

Em Fortaleza, a campanha local uniu onze entidades, associações e jornais independentes em torno de uma proposta de trabalho que foi entregue à coordenação arquidiocesana e a todas paróquias da capital e do interior do Estado. A proposta, discutida inicialmente numa grande reunião com vários padres e o bispo-auxiliar de Fortaleza, dom Edmilson Cruz, visa promover a discussão e a atuação em torno do tema, buscando seu sentido mais verdadeiro e permanente à campanha, além do período da quaresma, integrando-a nas comemorações que se desenvolverão em 1978 do 30º aniversário da Declaração da ONU sobre os Direitos Humanos.

Nem esquerda nem direita

Em outras paróquias do país foram amplamente levantados exemplos de injustiças e dados sobre a questão do trabalho, como na Região Leste de São Paulo, por exemplo, uma zona de bairros operários onde a Arquidiocese local elaborou um roteiro próprio para a campanha, imprimindo 20 mil livretos que foram distribuídos em toda a região. O próprio Dom Angélico Sândalo Bernardino, responsável pela Arquidiocese, admite que a campanha na Região está sendo levada de maneira diferente de outras arquidioceses. "Uma coisa é fazer a Campanha da Fraternidade no Jardim Europa e outra aqui em São Miguel Paulista. As conotações são realmente diferentes".

Apesar da enorme diferença com que a campanha tem sido interpretada nos diversos setores da Igreja, nota-se claramente uma preocupação geral da Igreja em tentar manter-se numa posição que se poderia chamar de "centrista". Mesmo entre os bispos e padres mais progressistas observa-se a mesma convicção de que os problemas do trabalho, como de resto todas as questões sociais,

podem ser resolvidas através da persuasão. Essa preocupação é diversas vezes expressa no manual que a CNBB distribuiu, onde ela chega a dizer, por exemplo, que "se a justiça é indispensável no campo do trabalho porque ela assegurará o direito de cada um", no entanto "ela deverá ser superada pela grandeza da verdadeira fraternidade, ensinada por Cristo nas surpreendentes mensagens do Evangelho". Acusa o postulado marxista da luta de classes, "por ser anti-evangélico e incapaz de resolver os problemas sociais existentes". E condena "tanto a violência do oprimido ou do explorado quanto a do opressor", defendendo a superação dos conflitos da luta de classes pela implantação da justiça e do espírito de fraternidade". A preocupação em ficar equidistante da luta política foi manifestada na atual campanha, entre outros, pelo bispo auxiliar de Caxias, dom Paulo Moretto, que defendeu "maior participação do trabalhador nas decisões das empresas e liberdade sindical", mas "sem ser manipulada pela esquerda ou pela direita".

De qualquer forma, a atual Campanha da Fraternidade, devido ao seu tema mais político que os anteriores, deixa mais claro do que nunca a divisão da Igreja entre um setor que insiste em mantê-la inerte e submissa ao poder político e outro que luta para que ela partilhe da vida política e social do país. É este setor, hoje, que parece determinar o papel que a Igreja exerce atualmente na vida nacional, e que pode ser explicado pela mudança da conjuntura do país; que exige maior audácia dos diversos setores políticos no sentido de conquistar apoio mais amplo, inclusive das classes trabalhadoras. Num momento em que até setores do próprio governo, como o secretário das Relações do Trabalho de São Paulo, Jorge Maluly Neto, tenta atrair os trabalhadores para suas propostas, a Igreja, empurrada pela sua parte mais progressista, também amplia suas propostas numa tentativa de ganhar preferência das classes populares, de certa forma disputando estas áreas com outros setores de oposição.

O bispo dos operários

"Eu não sei ser bispo, estou aprendendo a ser bispo com meu povo. Eu sou aprendiz da vida"

"A gente fica imaginando um Bispo como um príncipe, não é mesmo? Gordo, de batina e chapéu vermelho, daqueles que dão ânco pra beijar na crisma. Pelo menos era assim, no meu tempo lá no nordeste. Mas aqui que eu conheci do outro tipo de bispo, esse mesmo o dom Angélico. Ele não me conhece não, mas sempre que eu estou aí no clube de mães ou cruço com ele, ele me cumprimenta, não anda de batina não, veste igual um homem, e todo mundo fala muito bem dele. Diz que é um bispo do povo". Dona Maria Cristina, moradora de São Miguel Paulista, casada com um ferramenteiro, ex-operária metalúrgica, define com um sorriso de satisfação uma das figuras mais carismáticas da Igreja em São Paulo.

Nascido há 42 anos num lugarejo próximo a Piracicaba, Saltinho, no interior de São Paulo, dom Angélico Sândalo Bernardino ordenou-se em 1959 em Ribeirão Preto. Trabalhou por lá mesmo, como vigário na catedral e mais tarde como responsável pela Pastoral Operária e pároco de Vila Carvalho, na periferia da cidade.

pendência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assin e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assin e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores.

A voz pausada, os olhos vivos detrás dos óculos, dom Angélico é realmente a imagem dos novos bispos da igreja. Sua casa não é nenhum palácio, apenas uma construção sóbria atrás da Igreja de São Miguel Paulista, na pobre Zona Leste de São Paulo, uma região onde só há bairros operários. Ganhando cinco mil cruzeiros por mês, o salário dos bispos, dom Angélico até ri da imagem que ainda existe sobre a riqueza e o luxo dos bispos: "o bispo gordo, morando num palácio, comendo muito bem, é uma imagem que já acabou. A igreja como qualquer organismo vivo tem

suas fases de quase estagnação. Mas como organismo vivo que é desperta e se renova. Muitas vezes, na ânsia de combater o comunismo os bispos e padres acabaram defendendo foi a propriedade de poucos, em detrimento do direito de muitos".

Dom Angélico talvez seja uma das pessoas que melhor conheçam os intrincados abandonados bairros da zona leste. Boa parte de seu tempo é gasto percorrendo constantemente as paróquias, as vilas, as casas de seu povo.

"De vez em quando ele aparece de surpresa, sozinho", afirma o pároco do Jardim Penha, no setor da Ponte Rasa, "fica por ali, olha as flores do jardim da igreja, conversa com o pessoal, visita casas e às vezes o pessoal nem sabe que ele é bispo, que ele é padre. A gente vê que ele se preocupa com o povo como um igual, como povo também".

Um pouco apressado porque há muito trabalho para fazer durante a tarde, e principalmente um pouco tímido para falar de si mesmo, dom Angélico conta que lembra todo dia às 6,30 da manhã e logo cumpridas suas obrigações litúrgicas, sai a visitar seu povo: "o contato direto com o povo é muito importante, pois sem que a gente veja e sinta diretamente as alegrias e as dores de nosso povo é impossível entendê-lo. O povo, extraordinário e sofrido povo, está aberto a quem queira caminhar com ele".

Na verdade, esse compromisso para com os trabalhadores, essa profunda preocupação pastoral com os deserdados, tem, além de uma profunda identificação com o evangelho, outra raiz profunda: "meus pais moravam na roça, eram trabalhadores braçais. Mais tarde tiveram que se mudar para a cidade e se tornar operários metalúrgicos. Por isso meu compromisso como padre trabalhando com a pastoral operária é um compromisso também de raiz, de classe social. E meu trabalho é um serviço à população, é também uma procura, pois eu não sei ser bispo, estou aprendendo a ser bispo com meu povo. Sou aprendiz da vida". (Murilo Carvalho)

Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu

"No momento a luta é dura demais"

A atuação da Igreja em Nova Iguaçu, uma das regiões urbanas mais pobres e violentas do país

Entrevista a Marcelo Auler

Há doze anos bispo da Diocese de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, dom Adriano Mandarino Hipólito, 59 anos, sergipano de nascimento, é pastor de 59 paróquias que atendem a uma região de 1,6 milhão de pessoas. A população é pobre, originária, em grande maioria, do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo e do norte fluminense. Desde que assumiu o cargo da diocese, dom Adriano tem tido uma preocupação fundamental: a social, procurando, através de obras de assistência, melhorar as condições da população trabalhadora daquela região.

Por sua luta pela melhoria das condições de vida do povo de Nova Iguaçu, pela sua proximidade e afinidade com a classe trabalhadora de sua diocese, dom Adriano Hipólito já sofreu alguns dissabores. Em setembro de 1976 foi sequestrado pela Aliança Anticomunista Brasileira (AAB), organização clandestina de extrema direita. No entanto, seu empenho em ajudar a buscar soluções para a classe operária não diminuiu. Agora, em plena Campanha da Fraternidade, dom Hipólito desenvolve um trabalho bem próximo ao povo, com missas, onde os operários são convidados a se manifestarem. Nesta entrevista a Movimento, ele fala sobre o trabalho de sua diocese e, principalmente, sobre os problemas enfrentados pela sofrida população da região.

Movimento - Descreva a Baixada Fluminense.

Dom Adriano Hipólito - Comente de que o nome de Baixada Fluminense ao território vizinho ao Rio de Janeiro que abrange os municípios de Duque de Caxias, São João do Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu. Alguns acrescentam ainda Magé, Itaguaí e Para-

cambi. Socialmente é uma área marginal do Grande Rio. O povo é ordeiro, ativo, que no caos da Baixada luta por sobreviver; povo sofrido e marginalizado; povo sem muitas esperanças, porque sempre se vê frustrado.

M - No campo social, como se tem desenvolvido o trabalho da Igreja?

AH - O trabalho da Igreja, isto é, da diocese, será sempre subsidiário, embora possa e deva ser importante, como pista para os homens de boa vontade e como sinal de esperança para os que ainda contam com dias melhores. A diocese, por seu bispo, pelos seus padres, e pelos seus leigos engajados, julga prioritário o esforço de conscientização, porque o maior problema da Baixada (possivelmente de muitas outras áreas do Brasil) é a falta de consciência comunitária, a falta de senso de responsabilidade, a abertura para as necessidades dos pequenos. Nessa linha de acordar interesses e responsabilidade, de levar à inserção e à participação, está a prioridade do nosso trabalho pastoral. Tem-se a impressão de que neste setor se conseguiu alguma coisa. Sobre a conscientização pode garantir um trabalho sólido no campo social. A tentação de muita gente boa é cair no mero assistencialismo - que é mais fácil e mais imediato.

M - O que se pode considerar barreiras a vencer para a melhoria da vida da Baixada Fluminense?

AH - A maior barreira parece o despreparo das chamadas elites, inclusive e sobretudo as políticas, com as devidas exceções. Talvez um impulso de fora, uma vez que vivemos num regime autoritário, pudesse modificar certos hábitos políticos sociais da Baixada. Se os nossos políticos tivessem um pouco de senso ou autocrítica, talvez comesçassem a cair as barreiras que atrapalham a marcha da nossa região. Eu atribuo às lideranças políticas um



D. Adriano Hipólito

papel preponderante na dinâmica social, porque é através da política que se promove o bem-estar em dimensão comunitária. Também não podemos ignorar as limitações impostas hoje em dia à plena atuação do poder Legislativo. Os políticos pisam em terrenos minados com prudência e medo. Daí voltarem-se muitas vezes para bagatelas e probleminhas de pequeno porte. Essa situação, se se prolongar demasiadamente, pode anular por muito tempo as lideranças autênticas.

M - Em todo o mundo um problema que cresce assustadoramente é o do menor abandonado. Como se encontra este problema na Baixada?

AH - O assunto é fecundo e de algum modo explosivo. O problema do menor abandonado tem uma ligação íntima com o problema das escolas insuficientes, da educação precária, dos salários de fome, do trabalho da mulher. Tenho para mim que o Brasil ainda não tomou a sério o problema da criança. Tomou a

sério o do petróleo. Tomou a sério a siderurgia. Tomou a sério as grandes estradas da integração. Tomou a sério um bocado de coisas. Se não tomou a sério o problema mais sério, o da educação. É por isso que o chamado "milagre brasileiro" tem toda a aparência de mistificação. O milagre brasileiro foi, ao que parece, injeção de grandes capitais em setores de produção que interessavam aos grandes investidores. Na Baixada? O problema é tão crucial como nas outras cidades grandes. Fubem, Funabem, Sam - quaisquer que sejam as siglas - do passado, do presente e do futuro, são meros paliativos que pouco ou nada resolveram apesar de tantas pessoas desveladas e sérias. O problema do menor abandonado é uma acusação tremenda à sociedade de consumo em que vivemos.

M - Como anda o problema da Cultura na Baixada?

AH - Se pensarmos na força quantitativa da Baixada esperamos sinais numerosos da atividade cultural. No entanto, isto não acontece. Nosso crescimento foi desordenado, quase que somente numérico. Cultura supõe uma certa organicidade da vida, uma aceitação dos valores espirituais, uma tradição comunitária. Tenho certeza que tudo isto acontecerá mais tarde. Mais tarde será possível tirar do sofrimento, da angústia, das frustrações, das misérias do nosso povo, a matéria prima para as criações do espírito. No momento a luta é dura demais. Até se podia pensar naquele provérbio: "Incr arma silent Musae" - no caos as musas se mandam.

M - Apesar de tudo o que acontece, o sr. se considera um otimista?

AH - Se eu não fosse otimista não estaria respondendo à esta entrevista. A nossa revolta diante das injustiças sociais não nos leva ao desespero, leva-nos à maior conscientização de nossa responsabilidade.

gentes que nunca suaram uma camisa em campo", ele reclama que o jogador, o principal elemento do futebol, ainda não tenha participação nas decisões sobre sua vida profissional. "Muitas vezes a gente não pode dizer o que pensa porque é levado pela máquina. Aqui no Brasil o esquema é muito forte e é difícil desfazer uma imagem criada. Não se pode fazer como a Jane Fonda porque há um esquema montado e até a própria torcida faz resistência à mudança da imagem que ela tem da gente".

Por essas e outras Reinaldo acha que a classe deveria ser representada junto às entidades de futebol através de entidades associativas "para que o jogador tenha controle sobre seus destinos e interesses, porque geralmente os dirigentes atuam emocionalmente e nem sempre racionalmente, prejudicando o futebol e submetendo os jogadores a jornadas estafantes que só interessam ao clube". Comentando a tendência da política do futebol brasileiro de se incentivar os grandes clubes através da construção de grandes estádios, deixando em segundo plano os times pequenos, Reinaldo observa que este comportamento é bastante prejudicial, porque "assim uns vão ficando mais fortes e outros mais fracos. Os grandes estádios são construções para concentrar muita gente, se formar o ídolo e assim desviar a atenção do povo a respeito de outros problemas".

Criticando a atitude individualista de jogadores que aceitam passivamente as decisões dos dirigentes ou entregam a luta por seus interesses a simples empresários, Reinaldo diz que prefere uma associação, como a AGAP ou a Fugap, "que lute por meus interesses e interfira nos clubes do que um empresário, porque este só sabe sugar e incentivar o individualismo entre os jogadores, que em vez de lutarem em conjunto preferem ficar cada um pensando apenas em si. Pra mim a saída individualista não é a melhor saída. Mas acontece que os jogadores são desunidos e os que se interessam por associação são os que menos precisam".

Para ele estas associações de classe deveriam também controlar o abuso que atualmente acontece em torno do jogador, cujo prestígio muitas vezes é usado indevidamente pelos meios de comunicação: "Todo mundo quer ganhar dinheiro em cima da gente, nós somos usados muitas vezes no rádio e televisão em suas programações. É claro que estes programas são patrocinados e nós também ganhamos publicidade com a divulgação, mas não nos pagam nada e nunca os jogadores são ouvidos se desejam este tipo de divulgação".

Dizendo que "a bola a gente pára de jogar, mas o que entra na cabeça ninguém tira", apesar da intensa maratona do futebol, Reinaldo não abandonou nem pretende abandonar os estudos. Atualmente ele cursa o último ano do segundo grau (o antigo 3º Científico) e pretende fazer vestibular (a exemplo de seus colegas Marcelo, Angelo e Heleno) para algum curso da área das ciências sociais ou Administração "para cuidar de minhas próprias coisas". Sempre que tem tempo ele lê jornais diários, a revista *Veja*, assim como os jornais *Movimento* e *De Fato*, mantendo ainda o costume de

ler a crônica diária de Carlos Drummond de Andrade e atualmente está lendo o livro "Cartas da Prisão", de frei Beto. E, atendendo a seu interesse pela psicologia, Reinaldo já fez um curso de psicorientologia em grupo e atualmente vem se submetendo aos testes de bioritmos e ciências mentais aplicados pelo parapsicólogo mineiro Paul Louis Loussac, um engenheiro mecânico que vem desenvolvendo pesquisas para a NASA. Loussac acredita que suas experiências podem dar bastante contribuição na preparação psicológica de atletas e já chegou a declarar: "Vocês sabem que relação tem a parapsicologia com as 75 medalhas conquistadas pela União Soviética nas Olimpíadas?" Reinaldo diz que às vezes na cama procura programar seus gols chegando até a imaginar a torcida vibrando.

Afirmando que Pelé se perdeu no meio de seus assessores e por isto não tem opinião própria, "pois no fu-

Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas

tebol é muito difícil preservar a personalidade", Reinaldo, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado "como sempre estava" para votar. "Eles fizeram o povo se afastar da política mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Esta na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada".

Ao comentar o problema da anistia, o artilheiro do Campeonato Nacional além de defendê-la diz que "ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas ideias e caminhos diferentes". Também concordando com a necessidade da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte para eleger os colaboradores de uma nova Constituição, Reinaldo acrescenta que "em tudo o povo tem que ter participação. Nós temos que depositar confiança em quem votamos para sermos retribuídos de alguma forma, nem que as futuras gerações sejam beneficiadas".

Esse mesmo pensamento em torno da participação popular nas decisões nacionais ele demonstra em relação ao voto direto, salientando que "a participação maior tem que ser do povo, a renovação é necessária em tudo, o povo tem o direito de votar e escolher seus governantes. Ainda bem que ultimamente o povo está participando mais da vida do país demonstrando seu interesse em participar". Também favorável a uma distribuição de renda, o atacante do Atlético observa que "a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá. Você trabalha oito horas e o patrão só paga o salário que na verdade só corresponde a uma hora de serviço. Devia-se dar mais atenção para esse problema porque a coisa não pode ficar assim".

da forte só era assegurada se a equipe figurasse o inigualável supercraque de pernas tortas.

Se for mais mineiramente prudente que Pelé, não fará contratos como o antigo *Rei*, que só no crepúsculo de uma longa carreira, depois que foi para os Estados Unidos, pôde desfrutar de contratos compatíveis com seu gênio, ainda que ao preço de se tornar garoto-propaganda de uma multinacional, a Warner Incorporation, e de se expor ao ridículo com a repetição ingênua do pobre *script* ("Love, love, love", palavras de sua despedida) de um produtor sem imaginação. E mineiramente evite os empresários e os sócios que levaram Pelé a dois desastres como empresário, um na Sanitaria Santista, outra numa fábrica, a Fiolax, e que induziram Jairzinho, o Furacão da Copa de 70, a comprar imóveis numa área desvalorizada porque em frente, no cinzeno bairro do Caju, está o maior cemitério do Rio de Janeiro.

Vai Reinaldo. Vai e começa a aprender estes e outros segredos dessa profissão estranha a mais festejada do País e que não dá a seus praticantes o direito de uma aposentadoria condigna quando pinta o ocaso, aos 30, 32 anos. E não te esqueças da sorte de Quarentinha, artilheiro do Botafogo nos anos de ouro do clube, em fins dos anos 50, começo dos anos 60, o Quarentinha que fez muitos gols, ganhou e torrou muito dinheiro, não percebeu o fugaz da profissão e num dia qualquer de 1972 chegou desvalido ao clube, sem fama, sem dinheiro e sem qualificação. O Quarenta que sumiu, com sua pobreza e seu resto de orgulho, depois de muitas vezes ouvir, quase sem querer, a pergunta cheia de surpresa e piedade:

- Aquele porteiro ali não é o Quarenta?



foto: Aleri Costa



Pelé



Garrincha

acho que um dia pode pillar um contrato melhorzinho.

Nesse momento em que se distanciar, mais do que agora, da massa de jogadores sem nome nem retrato nos jornais e nas revistas coloridas, Reinaldo poderá conhecer também o sacrifício, a necessidade de jogar a qualquer preço, porque seu time, que se projetará graças a extra-classes como ele, terá entre suas obrigações a de incluí-los nos jogos faturáveis em dólares, quaisquer que sejam suas condições físicas. Se a sorte acompanhá-lo, como até agora, talvez não repita um Garrincha, o maior responsável pelas conquistas de 1958 na Suécia (primeiro campeonato do mundo conquistado pelo Brasil) e de 1962 no Chile (bicampeonato), obrigado a jogar por seu clube, o Botafogo, com o joelho infiltrado de cortisona, porque a quota em moe-

SELEÇÃO

Por que querem afastar Reinaldo?

Teodomiro Braga e Aloísio Moraes

Há uma crescente convicção de técnicos, jogadores, comentaristas e até de alguns cartolas de que o presidente da CBD quer afastar Reinaldo da seleção por causa de suas recentes manifestações políticas

Se Reinaldo vinha jogando no Atlético, fazendo gols, tendo sido até o artilheiro do Campeonato Nacional, então ele serve para a seleção", afirmava no final da semana passada o consagrado jogador do Palmeiras Ademir da Guia. Para o presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, ao contrário do que supõe Ademir da Guia e milhões de outros torcedores, o centroavante Reinaldo não serve para a seleção: em repetidas entrevistas à imprensa no começo da semana passada o presidente da CBD anunciou o afastamento de Reinaldo alegando que ele não tem condições físicas para jogar futebol.

Além da grande confusão que provocou nos meios esportivos, as declarações de Heleno Nunes foram recebidas com verdadeira indignação em Minas, repercutindo até na Assembleia Legislativa, onde o deputado arenista Sylo Costa atacou violentamente o presidente da CBD, acusando-o de pretender a convocação de Roberto para tentar resolver problemas políticos no Rio, onde ele dirige a Arena e ao mesmo tempo conciliar com o seu clube, o Vasco da Gama do qual é conselheiro. Para muita gente, o principal motivo da investida de Heleno Nunes contra Reinaldo foram as recentes declarações do jogador a *Movimento* - declarações estas que ele confirmou depois ao ser entrevistado pelo *Jornal do Brasil* - defendendo a aristia, a Constituinte e o direito do povo eleger seus representantes e participar das decisões políticas.

Na verdade, a má vontade da direção da seleção brasileira com Reinaldo começou tão logo se iniciaram os treinamentos do time. Convocado no auge de sua curta carreira, Reinaldo que tem apenas 22 anos era tido por toda a imprensa como o titular absoluto da seleção por causa de suas excelentes atuações durante todo o Campeonato Nacional, do qual ele foi artilheiro absoluto, com 28 gols. Por ter sido submetido a diversas cirurgias (foi operado de todos os quatro meniscos do joelho). Reinaldo não poderia ser submetido ao treinamento normal dos jogadores, precisando de exercícios especiais, a parte, como



Reinaldo em entrevista a *Movimento* de dia 6 de março passado: "Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião; e essa opinião deve ser respeitada".

aconteceu no Atlético. Na seleção, porém, apesar da conhecida situação especial de Reinaldo, ele foi obrigado a fazer os mesmos exercícios dos outros jogadores, o que provocou imediatamente uma violenta reação dos dirigentes do Atlético, com o preparador-físico atleticano Paulo Benigno acusando o preparador-físico da seleção Admildo Chirol de estar "estourando" o jogador.

O caso foi abafado com a intervenção do médico da seleção, Lídio Toledo, que prometeu passar a treinar Reinaldo separadamente dos outros jogadores, com os mesmos exercícios especiais que fazia no Atlético.

No dia 28 passado, porém, quando a seleção desembarcava em Paris, onde iniciou uma excursão pela Europa e Arábia Saudita, no Rio o presidente da CBD reuniu a imprensa para fazer, segundo expressão da *Folha de S. Paulo*, "uma espantosa declaração": "Reinaldo terá algumas chances de ser escalado nos jogos amistosos da seleção na excursão. Porque para o Mundial o centroavante deverá ser Nunes ou o Roberto".

"No Atlético Mineiro, disputando o campeonato estadual ou o brasileiro, onde a carga de preparação física é média, Reinaldo é obri-

gado a se poupar depois de cada jogo. Sua preparação é diferente da dos demais, o que não será possível na seleção. Ele terá de estar preparado como todos os outros, treinando com carga máxima", explicou Heleno Nunes, contrariando com estas declarações a promessa anterior do médico Lídio Toledo de que Reinaldo seria submetido a treinamentos especiais. Ao mesmo tempo em que descartava Reinaldo da seleção, Heleno Nunes elogiava o futebol de Nunes e Roberto, sendo que este não foi convocado para a seleção devido às suas péssimas atuações no Campeonato Nacional.

Muitos estranharam e poucos aceitaram as explicações de Heleno Nunes. Imediatamente a *Folha de S. Paulo* levantou, entre outras hipóteses, a de que Reinaldo poderia estar sendo afastado da seleção devido às suas idéias políticas - bem diferentes das do presidente da CBD e também presidente da Arena do Rio.

"O pessoal que não gosta do Reinaldo é de direita e alienado" acusou o escritor Roberto Drummond, que tem uma coluna diária sobre futebol no *Estado de Minas*, denunciando a existência de um complô para tirar Reinaldo da seleção, revelou Drummond: "Há dois ou três meses atrás já tínhamos notícias vindas do Rio de que iam afastar o Reinaldo por causa de condições físicas. Nessa ocasião, Naylor Lasmar, médico do Atlético, foi à CBD e mostrou que Reinaldo tinha condições físicas. Depois ele completou 28 gols no campeonato nacional, foi o maior goleador, e agora surge esse ódio estranho manifestado por Heleno Nunes em relação ao Reinaldo. Atribuo esse boicote a interesses políticos do He-



Tostão: "É evidente que os dirigentes da seleção não gostaram da entrevista de Reinaldo, mas a maioria do povo é a favor de que ele disse e certamente gostou".

leno Nunes e da Arena"

Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, hoje estudante de medicina da UFMG e dono de posto de gasolina também interpretou a tentativa de Heleno Nunes de tirar Reinaldo da seleção como represália pelos recentes declarações políticas do jogador à *Movimento*.

"É evidente que os dirigentes da seleção não gostaram da entrevista do Reinaldo, mas a maioria do povo é a favor de que ele disse e certamente gostou. Não tem cabimento cobrar o Reinaldo pelo fato de ele ter emitido suas opiniões. O Heleno Nunes é também conselheiro do Vasco, assim como é da Arena, e é claro que ele tem suas preferências para fazer suas jogadas políticas. Isso é muito ruim para o futebol". Afirmando-se também favorável à anistia, à Constituinte e às eleições diretas, completou Tostão: "Todo mundo está esperando modificações concretas no sentido de que o país seja realmente democrático. A democracia plena é o desejo de todas as pessoas de bom senso".

O goleiro Raul, do Cruzeiro, cogitado para ser convocado para a seleção como o terceiro goleiro, também viu motivos políticos na tentativa de corte do Reinaldo da Seleção. "O futebol é a válvula de escape do povo brasileiro. Dirigente não gosta de jogador que pensa, que tem cultura e que faz declarações sobre assuntos que não são do futebol. Eles preferem o jogador que diz são onze contra onze e vamos sair para a próxima, dizia Raul enquanto na Câmara Municipal dos Vereadores de São Paulo o representante emedebista Almir Guimarães iniciava uma série de pronunciamentos contra a tentativa de Heleno Nunes de convocar Reinaldo. Classificando Reinaldo como "anti-Pelé", pois, ao contrário de Pelé, o atacante do Atlético disse que o povo está preparado para votar, afirmou o vereador que Reinaldo está sendo punido por defender as liberdades e a democracia em nosso país.

No final da semana passada, técnicos, jogadores, comentaristas esportivos e até alguns cartolas, convencidos de que não há outra explicação para a estranha investida de Heleno Nunes contra Reinaldo senão a de que ela é uma represália contra as declarações políticas do jogador, engrossavam o protesto contra a tentativa do presidente da CBD de cobrar Reinaldo da seleção. E em Belo Horizonte surgia a idéia entre torcedores do Atlético de fazer um "abaixo-assinado monstro" exigindo a permanência do jogador na seleção. Afinal, como disse Tostão, o popular Berbatana, as idéias políticas de Reinaldo não atrapalharam em nada seu rendimento em campo. E, como disse Tostão, se os cartolas da CBD não gostam das declarações políticas de Reinaldo, o povo gosta.

Se jogador é para jogar futebol, então o que é que os cartolas estão fazendo na política?

A tentativa do presidente da CBD - Heleno Nunes - de cortar o jogador Reinaldo da seleção brasileira deixou claro, mais uma vez, que no mundo do futebol, os cartolas não gostam de jogadores que têm e expressam suas opiniões sobre política. Não foram poucos cartolas que, nesta polêmica provocada pelo caso Reinaldo, manifestaram-se a favor de que o jogador se limite a jogar futebol, deixando de lado a política. De outro lado, no entanto, apesar desta sjeriza à participação do jogador na política, os cartolas usam e abusam do futebol como trampolim para a política, a começar pelo próprio Heleno Nunes, como mostra o jornalista Celso Kinjô nesta matéria escrita especialmente para Movimento.



Se há cartola atrevido em matéria de jogo político, esse cartola é o presidente Oswaldo Teixeira Duarte, da Portuguesa de Desportos de São Paulo Eleito para o cargo com um programa de conclusão do conjunto esportivo - incluindo estádio de futebol, Duarte mobilizou os associados com todos os recursos à mão, tapinhas nas costas, pedidos de doação de material para obras, visitas de porta em porta. O expediente deu certo, tão certo que, tempos depois, ele era eleito vereador, consequência natural de seu intenso trabalho paroquial. Então, pretendeu dar um puldo do gato, fechando seus gabinetes - no clube e na Câmara Municipal - a qualquer eleitor que viesse solicitar algum tipo de ajuda.

Resultado: em 1976, pleiteando a reeleição, o presidente da Portuguesa foi surpreendentemente derrotado, não conseguindo sequer uma suplência por seu partido, a Arena. Culpa, é óbvio, daquele puldo do gato, pois seus eleitores, os mesmos que aceitaram a política de clientela por ele instaurada no Clube, os mesmos que se frustram a cada temporada com os fracassos do time de futebol, esses eleitores não aceitaram a mudança unilateral nas regras do jogo. E, comprovando que o futebol é bom trampolim para uma carreira política, mas não sustenta cartolas insensíveis ou apenas oportunistas, Oswaldo Teixeira Duarte nem vai tentar concorrer às eleições de novembro, para deputado estadual. Na verdade, ele vem se mantendo na presidência da Portuguesa à custa de arbitrárias alterações nos estatutos - e essas mudanças também vêm causando um desgaste político considerável, comprometendo qualquer pretensão eleitoral.

Duarte é atrevido e se deu mal. Mas foi, também, prejudicado pela postura do torcedor de futebol, que vem se fanatizando cada vez mais e deixando-se enganar cada vez menos, um aparente paradoxo cujas raízes estão instaladas no seu próprio dia-a-dia. Afinal, cidadão brasileiro que trabalha e tenta sobreviver, o torcedor amadureceu bastante nos últimos anos - até porque é tão-somente nos estádios que ele pode se manifestar. Fora dos seus limites, a coisa muda de figura - e pouco valor tem as declarações de Paulo Maracajá, dirigente do Bahia, em favor da Arena e do governo, em termos de sensibilizar o torcedor-eleitor. O cartola, em última análise, é autoridade como outra qualquer, e só o binômio dinheiro-promessas pode funcionar em termos eleitorais. Não é por outra razão que, oportunista até o limite, Maracajá procura apoio entre os ídolos do time de futebol, buscando transferir, para si, as simpatias que o torcedor sente por Baiaco, Luis Antônio ou Osni, este último adquirido ao Flamengo por um milhão e meio de cruzeiros numa evidente jogada eleitoral. Vereador da Arena, em plena campa-

na para deputação estadual, o cartola baiano tem investido muito dinheiro seu - para garantir eleitores, e muito dinheiro do clube - para comprar jogadores que, a curto prazo, representam impacto favorável junto à torcida, otimizando suas chances nas eleições de novembro. O uso abusivo dos ídolos, que assim se transformam em inocentes úteis de seus presumidos patrões, tem diminuído nos últimos anos. Tendo melhor nível e maior consciência de seu valor junto à massa, o craque já se recusa a servir de escada para o cartola. Em 1976, Vanderlei e Tuta, atletas da Ponte Preta, não aceitaram comparecer a um comício do presidente Lauro Moraes, que se candidatava a prefeito de Campinas. O próprio time titular, inclusive, recusou-se a distribuir brindes antes do início das partidas pelo Campeonato Brasileiro. Não restou outra saída ao presidente senão a de tentar seduzir a torcida por vias diretas. E, para uma partida em São Paulo, numa quarta-feira de princípios de novembro, Lauro Moraes colocou 100 ônibus à disposição da torcida, com direito a lanche. A torcida aceitou o favor, claro, mas não tomou conhecimento do troco: no dia 15, o candidato recebia uma votação inexpressiva, colocando-se em quarto lugar, atrás mesmo de um outro candidato da Arena.

O exemplo mais vivo dessa utilização do futebol como arma política é o do próprio presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, que acumula o cargo de presidente da Arena do Rio de Janeiro. Manipulando autoritariamente todo o futebol profissional brasileiro, Heleno Nunes cometeu a façanha de excluir, do Campeonato Brasileiro de 1976, o representante de Brasília, que não teve eleições municipais por ser distrito federal. Neste ano eleitoral, o número de participantes elevou-se a 72, unguindo-se equipes sem a mínima condições competitivas - Pelotas, Itabuna e Campina Grande são exemplos típicos. A nível regional, os dirigentes de federações se articulam para ajustar a máquina do futebol aos interesses do poder - no caso, do partido oficial. Em São Paulo, o supervisor Cláudio Castilho, da Federação Paulista, presumido candidato a deputado, opera silenciosamente nos bastidores, apoiado pelo ex-deputado João Mendonça Falcão, para comprometer cidadãos do interior em sua campanha. O sistema é tradicional, baseando-se na exigência de determinada quantidade de votos, na região, para que o clube local seja favorecido. Como a Federação

Usando os ídolos, enganando a torcida e manipulando as verbas dos times e das federações, os cartolas usam e abusam do futebol como trampolim para a política - a começar pelo próprio presidente da CBD que também é presidente da Arena do Rio

arrecada cerca de um terço de cada partida oficial realizada em território paulista, é cristalino o uso que pode fazer do dinheiro e do poder - e uma das práticas comuns, desde tempos menos profissionais, vem sendo o empréstimo de generosas verbas a times em dificuldades, sem juros ou correção.

Todas essas manobras raramente chegam a domínio público. É até conveniente, para o cartola político, que uma coisa e outra estejam separadas, envolvendo-se apenas nos períodos pré-eleitorais. Era exatamente como agia o deputado Vadi Helu, que dirigiu o Corinthians com mão-de-ferro, durante mais de dez anos. Ficaram famosas

suas contratações de jogadores, como a de Garrincha, em 1974, que pouco mostrou de futebol, mas viajou muito pelo interior, participando de comícios do presidente do clube. Eram outros tempos, também, pois o nome de Garrincha sugeria um carisma indiscutível - e o archo salarial não tinha atingido limites absolutamente insuportáveis. De qualquer maneira, até o início da década, quando finalmente foi derrubado em eleições concorridíssimas no Corinthians, Vadi Helu habituou-se a cercar suas campanhas de jogadores do time - e Rivelino, em começo de carreira, chegou a aparecer ao seu lado. A essa altura, o esperto Helu montara sua infra-estrutura eleitoral, reelendo-se em 1974 sem se utilizar da máquina clubística. E foi essa segurança, decerto, que levou-o a mergulhar no mundo oficial da política, sem considerar se os torcedores do time - que ele já não mais presidia - iriam receber bem suas manifestações. Vadi Helu teve ativa participação nos episódios que culminariam com a morte do jornalista Vladimir Herzog, denunciando na Assembleia Legislativa, a existência de supostos comunistas na TV Cultura.

Nas próximas eleições de novembro, o futebol estará sendo mais uma vez utilizado pela Arena, **ção do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assine e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da eleva-**

“Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”

(frase escrita nos muros da Universidade Católica de Minas)

Depois da repercussão e reação da imprensa nacional e dos torcedores diante da tentativa do almirante Heleno Nunes, presidente da CBD e Arena do Estado do Rio, de dispensar o atacante Reinaldo da Seleção Brasileira, é possível que agora o atacante mineiro não seja mais afastado, mesmo que os demais membros da CBD queiram. Inconformado e preocupado com o problema do jogador atleticano, o presidente do clube Atlético Mineiro, Valmir Pereira, se deslocou até o Rio para um encontro com o presidente da CBD e tirar satisfações sobre certas indisposições que vêm surgindo em torno de Reinaldo.

Durante o encontro Heleno Nunes, ao contrário do que havia declarado dias antes, falou ao presidente do Atlético que não existia nada sobre possível corte de Reinaldo, disse que ele é um gênio e que é imprescindível à seleção. Também o chefe da delegação brasileira que excursiona pela Europa, André Richer, se sentiu na obrigação de garantir que em nenhum momento foi cogitado o desligamento de Reinaldo da seleção por causa de suas declarações políticas a favor da anistia e formação de uma Assembleia Nacional do Constituinte, do voto direto para a presidência da República e por uma maior distribuição da renda, declarações que ganharam destaque até mesmo na imprensa européia.

O fato é que agora mudou o comportamento dos dirigentes da seleção diante de Reinaldo devido à repercussão do caso, que ganhou até as universidades, como aconteceu durante a última semana em Belo Horizonte, onde estudantes da Universidade Católica chegaram a fazer murais mostrando reportagens e notícias sobre o caso. Alguns universitários chegaram também a escrever nos muros da escola frases como “abaixo a repressão, Reinaldo na seleção”, ou “por que Reinaldo não pode ter opinião política?”

Mas a reviravolta do pensamento de certos dirigentes da CBD sobre o jogador talvez possa ser explicada como explicou o co-

mentarista esportivo e escritor Roberto Drummond no jornal Estado de Minas. Em sua coluna diária, sob o título “se digo”, Roberto comentou: “E se eu disser a vocês que se a Comissão Técnica dispensar Reinaldo estará criando um mártir e entregando a esse mártir uma bandeira de imenso poder junto ao torcedor de futebol brasileiro? E se eu disser a vocês que foi exatamente a entrevista ao jornal Movimento, defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a vocês que, senão fosse a entrevista de Reinaldo ao Movimento e a repercussão da entrevista agora, Reinaldo estaria queimado, sem razão, é certo, na seleção? E se eu disser a vocês que os líderes do partido do almirante Heleno Nunes chegaram à conclusão de que, se Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido da oposição em todo o Brasil?”

Por sua vez o pai de Reinaldo, Mário de Lima, disse em declarações prestadas à imprensa mineira e a Movimento que a opinião de Reinaldo foi certa e que ele realmente não pode ficar indiferente aos problemas do povo “senão fica muito mal com a opinião pública”.

“Se eu estivesse no lugar de Reinaldo diria as mesmas coisas. Agente tem de dizer o que pensa. Além do mais não existe nenhuma relação entre as idéias de um atleta e o seu comportamento dentro de campo”, disse ainda o pai de Reinaldo, que é ferroviário aposentado da Estrada de Ferro Leopoldina.

Com o que também concorda o vereador Silson Piazza, do MDB, ex-jogador da seleção brasileira de futebol nas últimas copas, que também é presidente da Associação da Garantia ao Atleta Profissional de Minas, AGAP. afirmou Piazza que se ficar patente qualquer pressão de dirigentes da CBD que venha prejudicar Reinaldo, a associação tomará medidas sobre o caso. Aloisio Moraes.

CONFIDENCIAL

"D" 9

JORNAL : ZERO HORA

CIDADE : PORTO ALEGRE/RS

DATA : 12 MAR 78



GODOL DO
REINADO

Bom de cuca

"Os grandes estádios são construídos para concentrar muita gente, se formar o ídolo e assim desviar a atenção do povo a respeito de outros problemas". As palavras não são, como parece à primeira vista, de um crítico do sistema, mas do centroavante Ronaldo, titular absoluto da seleção brasileira, em entrevista para o semanário "Movimento". Na entrevista, Ronaldo defendeu a anistia, a Constituinte e se confessou fã incondicional do poeta Carlos Drummond de Andrade.

CONFIDENCIAL

AS NOTÍCIAS PUBLICADAS NUM JORNAL DE SÃO PAULO, SEGUNDO AS QUAIS REINALDO NÃO ESTARIA NA COPA DO MUNDO, PROVOCOU A INESPERADA VIAGEM DO PRESIDENTE DO ATLÉTICO, VALMIR PEREIRA, E DO MÉDICO DO CLUBE, NEILOR LASMAR, AO RIO PARA UM PEDIDO DE EXPLICAÇÕES AO PRESIDENTE DA CBD, HELENO NUNES.

Um problema político? O jogador acha que não

As declarações do presidente Heleno Nunes, da CBD, de que Reinaldo não teria condições de participar do campeonato mundial e que a posição de centroavante seria disputada por Nunes e Roberto, causou alguma surpresa nos membros da comissão técnica da seleção brasileira. O treinador Cláudio Coutinho, depois da surpresa, disse ironicamente que "não acreditava" que o presidente da CBD tivesse dito alguma coisa contra o centroavante do Atlético.

— Não, não acredito que o almirante tenha falado isso. Deve haver algum engano.

Enquanto Coutinho se esforçava em não acreditar que Heleno Nunes teria dito que Reinaldo estava fora da Copa do Mundo, o jogador não conseguia esconder a sua preocupação. Reinaldo foi um dos últimos a descer para o saguão do Sheraton Hotel, ele que era um dos primeiros a se apresentar juntamente com o seu amigo inseparável, Toninho Cerezo.

E o nervosismo de Reinaldo era flagrante, pois mal conseguia completar as frases quando falava a respeito do assunto. Somente próximo ao ônibus que levaria os jogadores para o treinamento noturno no estádio Parque dos Príncipes, é que Reinaldo parou e falou mais demoradamente sobre o assunto.

— Como presidente da CBD, ele tem todo o direito de falar o que quiser. Mas não pode esquecer que tem uma comissão técnica dirigindo a seleção e que ela merece justificativas.

A desconvoação de Reinaldo pelo presidente da CBD teria fundo político, pois como presidente da Arena, no Rio de Janeiro, teria reprovado as declarações públicas do jogador com relação a anistia. A pesquisa foi feita entre todos os jogadores da seleção e apenas três — Leão, Zico e Reinaldo — tiveram opiniões bem definidas, sendo que a do centroavante do Atlético foi ainda mais objetiva. Reinaldo chegou a incriminar Pelé, por ele ter afirmado que o povo brasileiro não estava preparado para votar.

— Fiz aquilo como um cidadão livre, voltou a repetir Reinaldo. Acho que como cidadão livre, tenho o direito de dizer o que penso. E o que muitos pensam igualmente, e não vejo nada de mal numa entrevista assim.

O jogador procurava falar pausadamente para evitar novos problemas, mas acredita na possibilidade de ser prejudicado na seleção pelo almirante Heleno Nunes, mas em momento algum irá pedir explicações: "Ele é o presidente de uma entidade que dirige a seleção, e pode fazer valer sua vontade. Não vou pedir explicações, nem me preocupar, apenas espero por uma decisão".

Com as declarações ainda de Heleno Nunes com relação a ur. a lesão no joelho, Reinaldo afirmou que já está completamente recuperado, e, "não acho que isso seja motivo suficiente para me causar dificuldade na seleção".

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 1 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Interesses políticos na discussão sobre Reinaldo

— Fiz aquilo como um cidadão livre, que tem o direito de dizer o que pensa. E o que muitos igualmente pensam e não vejo nada de mal numa entrevista assim.

Esta foi a reação do atacante Reinaldo, ontem, em Paris, ao tomar conhecimento das declarações de Heleno Nunes que afirmou que o jogador estaria praticamente cortado da seleção. Tanto pelo problema no joelho como por ter desapreadado o almirante — ex-presidente da Arena do Rio de Janeiro — por suas posições políticas, divulgadas numa enquete realizada pelo jornal Opinião.

Reinaldo teria falado sobre aspectos que não agradaram a Heleno Nunes, como a ansiedade, por exemplo. Dos 21 jogadores entrevistados, apenas três — Zico, Leão e Reinaldo — tiveram opiniões bem definidas mas a do contravante foi mais objetiva, reclinando, inclusive, pelo, por dizer que o povo brasileiro não estava preparado para vê-lo. E não negou nenhuma destas afirmações, argumentando com o direito de qualquer cidadão brasileiro de emitir suas opiniões.

E voltou a ser bem objetivo, achando que pode ser prejudicado na seleção porque reconhece a força de Heleno Nunes: "Ele é o presidente de uma entidade que dirige a seleção brasileira e pode fazer valer sua vontade. Não tenho a mínima intenção de pedir explicações, e também não vou me preocupar. Apenas espero uma decisão". Ao fazer estas afirmações,

Reinaldo já havia se recuperado de seu nervosismo inicial quando mal conseguia terminar as frases, só parando de andar quando chegava próximo ao ônibus que o levaria ao campo de treinamento. Mais tarde, bem mais calmo, ele falou tranquilamente sobre o assunto, explicando também que não há problema algum com seu joelho: "Não acho que isso seja motivo suficiente para me causar dificuldades na seleção".

A reação mais curiosa ao caso, no entanto, foi a de Cláudio Coutinho. Ele estava caminhando em direção ao ônibus, ontem à noite e parou, surpreso: "O que foi mesmo que ele disse"? Em seguida, recuperou a aparência imperturbável que procura manter mesmo diante das piores notícias, sorriu não acrememente e disse: "Não, não acredito que o almirante tenha falado isso. Deve haver algum engano".

FOLHA DA MANHÃ

PORTO ALEGRE

- 31 MAR 76 -

pág. 27

12

"EM" 30 MAR 78

Reinaldo defendeu a anistia

No dia 6 de março deste ano, o jornal "Movimento" publicou uma entrevista com Reinaldo, na qual o atacante se declarou favorável à associação dos jogadores numa entidade de classe para a defesa de seus interesses e criticou o Campeonato Nacional. Defendeu o voto direto e a anistia. Entrou em outros temas polêmicos. Um resumo do que ele falou:

1 - Reinaldo considera o Campeonato Brasileiro "bastante estafante e anti-democrático, onde o jogador se torna um simples objeto nas mãos dos dirigentes que nunca suspiram uma camisa em campo".

2 - "A classe dos profissionais deveria ser representada junto às entidades de futebol através de entidades associativas, para que o jogador tenha controle sobre seus des-

tinos e interesse, porque geralmente os dirigentes atuam emocionalmente e nem sempre racionalmente, prejudicando o futebol e subvertendo os jogadores a jornadas estafantes, que só interessam aos clubes".

3 - "O povo brasileiro está preparado, como sempre esteve, para votar. Eles firem o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isto já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada".

4 - Reinaldo defendeu a anistia e falou que "ela vai acontecer mais cedo ou mais

tarde, porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas idéias e caminhos diferentes".

5 - Reinaldo concordou com a convocação de uma Assembleia Constituinte, "em que todo o povo tenha participação".

6 Ele é favorável a uma melhor distribuição de renda, observando que "a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá. Muita gente trabalha oito horas por dia e o patrão só paga o salário que na verdade só corresponde a uma hora de serviço. Devia-se dar mais atenção para esse problema porque a coisa não pode ficar assim".

7 - Reinaldo afirmou que "Pelé se perdeu no meio de seus assessores e por isso não tem opinião própria, pois no futebol é muito difícil preservar a personalidade".

E. M. 30 MAR 78

F

I

M